

O BOI COMO UMA FIGURAÇÃO DO HOMEM COLONIZADO EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO

Kleber Ramon de Souza

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

(kleberdoareia@hotmail.com)

Resumo

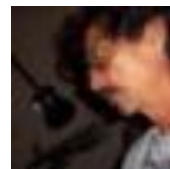
O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura pós-colonial dos contos “Conversa de bois”, do brasileiro Guimarães Rosa, e “O dia em que explodiu Mabata-Bata”, do moçambicano Mia Couto. Para isso, buscamos, primeiramente, abordar os conceitos de pós-colonialismo e, concomitantemente, de orientalismo, que são fundamentais para uma melhor compreensão do contexto histórico, político e social das antigas colônias portuguesas Brasil e Moçambique, cujas literaturas, por vezes, se assemelham. Posteriormente, foi realizada a análise comparativa dos dois contos abordados, levando em consideração que estes referenciam, a partir da abordagem metafórica da figura do boi, o processo de exploração do sujeito colonizado.

Palavras-chave: Colonialismo. Pós-colonialismo. Boi. Literatura Brasileira. Literatura Moçambicana.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Kleber Ramon de Souza

Bacharel Interdisciplinar em Humanidades, pela Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM.



<http://lattes.cnpq.br/3358757982540233>

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

O BOI COMO UMA FIGURAÇÃO DO HOMEM COLONIZADO EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO

Kleber Ramon de Souza

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

kleberdoareia@hotmail.com

1 Pós-colonialismo e orientalismo

A noção de orientalismo é um exemplo de formação discursiva enquanto construção e reprodução do outro

(Ana Mafalda Leite, 2012, p. 130)

O conceito de pós-colonialismo tem ganhado uma nova perspectiva a partir das últimas décadas. Se inicialmente era reduzido a um período cronológico, ganhou então significados mais profundos, passando às discussões dos efeitos culturais da colonização. Assim, *pós-colonialismo* deixa de ser uma simples referência de épocas dentro de uma história moldada pela ideologia colonialista, deixa uma posição estática, de baixo conteúdo semântico, e transita para um campo epistemológico, ou seja, o termo adquire conotações de cientificidade através de “um caminho crítico e teórico” (LEITE, 2012). Dessa forma, todo material teórico, crítico e literário produzido tanto antes quanto depois do instituído fim da colonização, que aborda por um viés crítico as relações coloniais e seus efeitos, passa a ser considerado como uma produção pós-colonial.

Ao compreendermos o termo dessa forma, há também que se atentar para o conceito de discurso de Michel Foucault, uma vez que o pós-colonialismo é em si um discurso: “um conjunto de signos e de práticas que organizam a existência e a reprodução sociais” (FOUCAULT, 2010). Abarcando a literatura, a crítica e a teoria, o discurso pós-colonial nega legitimidades auferidas pelo discurso colonial como, por exemplo, a marginalização de

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

escritores oriundos das antigas colônias e a canonização de escritores europeus: muitas vezes produtores de uma literatura cujo discurso tende a legitimar as causas do colonialismo.

As produções literárias da época colonial, tanto em verso quanto em prosa, que denunciavam os abusos cometidos contra seres humanos escravizados ou todos os indivíduos submetidos pelo poder colonialista, trazem em seu bojo um "espírito" libertário. Essa literatura é sempre uma voz que denuncia, clama, incentiva e ativa movimentos sociais em prol de liberdade; uma literatura que critica o sistema opressor, e assim, promove um diálogo, corrobora e até embasa as produções teóricas que irão tratar dos efeitos da colonização. Também, assim, é pós-colonial toda produção literária e teórica que aborda, nos dias de hoje, questões relacionadas ao colonialismo, por seus efeitos. O que define o discurso pós-colonial é a crítica em relação ao colonialismo e seus efeitos, procurando descortinar o modo de funcionamento de seu discurso e as relações de poder instauradas a partir dele. (HÜCKERT, 2015).

Fundamental, também, para a compreensão do conceito de pós-colonialismo que apresentamos é o conceito de orientalismo, de Edward Said, teórico palestino, que junto a pensadores também oriundos de antigas colônias, como Aimé Césaire, Frantz Fanon e outros, apresentaram ao mundo uma nova percepção da realidade que abarca as questões políticas, culturais e econômicas nas discussões sobre o colonialismo. A partir das publicações destes autores, lança-se um novo olhar sobre todo assunto que permeia as discussões sobre o colonialismo. O orientalismo de Said pode ser compreendido como sendo toda maneira de pensar ou de se comportar com relação ao Oriente, no que compreende sua cultura, geografia, história, economia, etc., de um ponto de vista ocidental (SAID, 2007). Ainda, Said atribui valores pragmáticos ao termo orientalismo: "o orientalismo não é um mero tema político de estudos (...) é antes uma *distribuição* de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos (...)" (SAID, 2007, p. 40).

Com uma proposta de desconstrução de velhos paradigmas de texturização e de canonização, as proposições de Edward Said, Frantz Fanon e outros corroboram produções teóricas de autores como Homi Bhabha e Stuart Hall, entre outros. Estes teóricos – do pós-colonialismo – questionam a visão binária *colonizador/colonizado*. Bhabha (2013) fala em alteridade na constituição destes sujeitos, e de um espaço híbrido instaurado pela colonização; já Hall afirma: "o pós-colonialismo constitui-se a partir dos limites do colonialismo, mas não o supera" (HALL, 2003, p. 101). Nesse "caminho crítico, teórico e criativo" (LEITE, 2012), o *pós-colonialismo* abarca diversidades em um campo que tem, ainda, muito a ser trabalhado; enquanto pode-se pensar *pós-colonial* toda produção literária ou teórica que aborda questões relacionadas aos efeitos do colonialismo nos dias de hoje e mesmo as produzidas durante o período colonial. Essas produções têm por mote a discussão dos efeitos da colonização e questionam todo discurso que visa a legitimar a política colonial. Ainda, o discurso pós-colonial é um contradiscurso: "pós-colonialismo é toda estratégia teórica, crítica, criativa que frustra o discurso colonial" (LEITE, 2012, p.129-130, grifo nosso).

O projeto da escrita pós-colonial é também interrogar o discurso europeu e descentralizar as estratégias discursivas; investigar, reler e reescrever a empresa histórica e ficcional, coloniais, faz parte da tarefa criativa e crítica pós-colonial. Estas manobras subversivas, além da construção da inscrição territorial-cultural-nacional, são características dos textos pós-coloniais. Contradiscursivos, desconstrucionistas, revitalizam a percepção do passado e questionam os legados canônicos, históricos e literários. (LEITE, 2012, p. 154).

2 A modelagem do sujeito colonizado

O europeu apoderado de armas de fogo e, sobretudo, de recursos da linguagem, subjuga o outro, domina-o e domina o seu território. É a chegada do colonizador, é o começo do processo – sem volta – de colonização do mundo outro, do além-mar. O processo de conquista e domínio da terra e do homem nativo da África e da América se estende ao longo do tempo e dos territórios propensos. E, no arranjo e no controle dos processos, nas administrações, em tudo que seja alguma forma de execução de poder, não haverá lugar para o sujeito nativo da terra colonizada: “A espécie dirigente é antes de tudo a que vem de fora, a que não se parece com os autóctones, ‘os outros’”. (FANON, 1968, p. 30).

A ideologia colonial, ao longo dos séculos, através da linguagem, reduziu o homem colonizado à condição de animal. O europeu, enxergando-se maior, discrimina o outro, e toma a si próprio como modelo. Mas não um modelo para ser seguido pelo colonizado, este não deve nunca ser como o colono; mas o modelo da superioridade, a quem o colonizado deva se submeter. Dessa maneira se dá o processo de modelagem do sujeito colonizado, ao longo dos séculos. É preciso modelar esse sujeito, de forma que ele seja sempre um menor; forjar-lhe uma identidade subalterna. Assim, o predador recria a sua presa, na paciência do tempo.

Da produção clássica ocidental da literatura, Luís de Camões, em “Os Lusíadas” (1572), é um dos autores que já contribui para esse legado. Tal “contribuição” está explícita nas estrofes (que seguem abaixo), da referida epopeia, quando Camões “retrata” a chegada dos portugueses ao extremo sul da África, na voz ficcional conferida ao navegador Vasco da Gama:

Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir de pele preta,
Que tomaram por força, enquanto apanha
De mel os doces favos da montanha.

Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Selvagem mais que o bruto Polifemo.
Começo-lhe a mostra da rica pele
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disso o bruto se movia.
(CAMÕES, 2008, p. 151-152, grifo nosso).

Esse *um estranho*, esse *selvagem*, esse *bruto* é o sujeito a ser modelado. Ele é um indivíduo menor, talvez nem humano às vistas do colonizador. Por isso, para apoderar-se e manter o poder, para manter o controle sobre esse outro, é preciso reduzi-lo à condição de animal, através do uso de artifícios da linguagem.

Por vezes este maniqueísmo vai até ao fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. A rigor, animaliza-o. E, de fato, a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica (...) O colono, quando quer descrever bem e encontrar a palavra exata, recorre constantemente ao bestiário. (FANON apud SANTOS, 2010, p. 236)

Também nas palavras de Pero Vaz de Caminha – diarista de bordo da esquadra de Pedro Álvares Cabral, ano de 1500 – sobre as pessoas que aqui encontrou, denota-se uma mentalidade que busca forjar o colonizado como um ser mais próximo da selvageria que da civilização: alicerce do pensamento colonial. A partir da leitura do excerto da “Carta de Achamento” abaixo citado, como dos versos de Camões (acima citados), podemos compreender como se dava o olhar do europeu sobre o outro.

(...) parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença. (...) eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que acostuada seja ao viver dos homens. (...) porém o melhor fruto, que dela se pode tirar me parece que será salvar essa gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (CAMINHA, 1500).

Quando Pero Vaz de Caminha diz: “se homem os entendessem e eles a nós”; entende-se que, para o colonizador, esse *homem* é o único da espécie ali. Homem, para ele, é tão somente o europeu, a quem ele refere como “nós”; enquanto que o outro (“eles”) é tão somente um ser desprovido das “qualidades” inerentes a um ser humano. O nativo – das terras apropriadas – é um ser desprovido das condições de representar-se, “necessitando” assim de outro que o represente.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Assim, esse discurso se propagou, fomentando a ideologia colonial ao longo dos séculos. A prática de referir-se ao homem colonizado como a um ser inferior, e para isso representá-lo de maneira animalizada, se reproduziu ao longo do período colonial, sendo uma maneira de legitimar a colonização.

3 As Literaturas Africanas em Língua Portuguesa e a Literatura Brasileira

A formação de uma produção literária voltada para as questões emergentes, intrínsecas à realidade política e social em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe não se dá sem uma inter-relação com a literatura brasileira, e mesmo entre si. Nas palavras do autor moçambicano Mia Couto, em Entrevista concedida a Paulo Hebmüller:

Fiz um primeiro livro (*Vozes Anoitecidas*, 1987) já muito influenciado por um angolano chamado Luandino Vieira, que abriu portas à oralidade da sua cidade, Luanda, e li uma entrevista em que ele fazia referência à influência de João Guimarães Rosa em seu trabalho. Então, fui à procura de Guimarães Rosa. Nos meus livros seguintes, como *Estórias Abensonhadas* (1994), já tive esse encontro, que realmente foi importante porque havia ali uma legitimação: é possível fazer isso, é possível deixar entrar essas vozes.¹

No Brasil, todo o motivo e mesmo o modelo da produção literária se renovaram a partir do movimento modernista de 1922, marco fundamental para a ruptura com a literatura colonial portuguesa. A prosa e o verso requerem novos formatos; ideais libertários da linguagem e das estruturas artísticas passam a ser o mote dessa literatura. Por volta dos anos de 1930, e a partir de então, surgem romances (principalmente de autores do Nordeste) que assumem uma perspectiva crítica de representação da realidade social do país. Já nos anos 1950 surge a obra de Guimarães Rosa com um novo modelo linguístico de representação do sujeito regional e da ruralidade brasileira.

Assim, há três elementos fundamentais da literatura brasileira para a constituição das literaturas africanas em língua portuguesa: a ruptura conceitual dos modernistas de 22, a perspectiva marxista do romance de 30 e a renovação da linguagem, utilizando aspectos da oralidade dos sujeitos populares, por Guimarães Rosa.

Rosa foi o autor brasileiro mais lido e acolhido, tanto em Moçambique quanto nas demais nações africanas de língua portuguesa, ao fornecer uma nova perspectiva da língua portuguesa na prosa literária, bastante afastada da gramática do colonizador. Guimarães Rosa dá vida literária na expressão em língua portuguesa às vozes até então tidas como menores ou

¹ Entrevista disponível em: <http://www.fronteiras.com/entrevistas/mia-couto-a-tribo-de-contadores-de-historias>.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

sem importância. Esse fenômeno contribuirá sobremaneira para a formação de um “consenso” linguístico entre os autores africanos de expressão em língua portuguesa.

Sobretudo na linguagem que tanto Rosa quanto Mia Couto empregam, faz-se uso da fala/voz dos personagens, ou seja, esses autores buscam reproduzir a maneira que as pessoas falam no dia a dia brasileiro e moçambicano. Assim, ambos, de maneira semelhante, dão voz ao linguajar rural/regional que permeia suas narrativas:

Se os regionalistas de outrora haviam descrito com preconceitos os sujeitos do sertão do país, Rosa levava à excelência uma literatura que ia em sentido oposto: revelava poeticidade na narrativa oral desses sujeitos e densidade filosófica na sua representação de mundo. (...) No campo literário, a partir da leitura de obras como *Sagarana* (1946), *Grande sertão: veredas* (1956) e *Primeiras histórias* (1962), de Guimarães Rosa, os escritores africanos perceberam que era possível utilizar a língua portuguesa como expressão da cultura popular local em suas narrativas. (RUCKERT, 2017, p. 95).

Dessa forma, os seguintes capítulos deste artigo propõem uma análise dos contos “Conversa de bois” e “O dia em que explodiu Mabata-Bata” a fim de demonstrar como, a partir da figura do boi, Guimarães Rosa e Mia Couto subvertem a representação do colonizado tradicionalmente feita na literatura colonial como exposto nos capítulos anteriores.

4 A simbiose boi/menino em *Conversas de Bois*

A obra literária de Guimarães Rosa é composta de onze livros de Contos e do Romance *Grande Sertão: Veredas* (1956).

O conto “Conversa de bois”, do livro *Sagarana* (1946), começa com um narrador (um suposto autor da história) que introduz o primeiro personagem do conto, que é o Manuel Tiborna, um *contador de histórias*, que irá narrar toda a trama de uma viagem de carro de bois, a partir do “olhar” de um animal silvestre, uma irara (cachorrinho do mato), que teria relatado a ele toda a história que elenca o conto. É a história de uma cansativa e a princípio triste viagem de carro de bois, em que os bois não somente figuram na história, mas desempenham papel principal.

Agenor Soronho, personagem “vilão” da trama, é o carreiro, o condutor do carro, o homem da agulhada. O menino Tiãozinho é o candieiro, o menino guia dos bois, que vai à frente destes, com uma vara comprida de pau às costas. Os bois, quatro juntas: Realejo e Canindé; Brilhante e Dançador; Namorado e Buscapé; Brabagato e Capitão. Antes, quem dividia a canga com o boi Brilhante era o boi Tubarão, irmão deste que morreu “ervado de timbó” (ROSA, 1984, p. 307). Cada um dos bois tem seu “perfil” traçado, dentro da narrativa. O boi Brilhante se

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

destaca entre os demais, é dele a maioria das falas nessa “conversa de bois”. Inclusive é ele, o boi Brilhante, que conta para os demais bois a “história” do boi Rodapião.

A “história” do boi Rodapião contribuirá para a “ação” dos bois em conjunto, no desfecho da trama. Esse Rodapião era um “mestre boi” para os bois outros, aquele que deixa um grande legado. Assim, vemos na figura desse boi a representação de um mestre entre os homens colonizados. Um mestre que deixa ensinamentos sobre o valor da liberdade, ensinamentos que influenciarão as lutas contra o colonialismo.

Os bois, enquanto puxam o carro, “conversam” sobre a sua própria condição de animal domesticado, submetido por um poder maior: *“O homem-do-pau-comprido-com-um-marimbondo-na-ponta... - Ajunta Dançador, que vem lerdo, mole-mole, negando o corpo. - O homem me chifrou agora mesmo com o pau...”* (ROSA, 1984, p. 308).

O carreiro Agenor Soronho é homem mau. Tiãozinho, o menino candieiro, sofre junto aos bois os maus tratos do Soronho, que é também seu padrasto. A viagem do carro de bois segue triste e pesada. O carro vai carregado de rapaduras para serem entregues na vila. Por sobre a carga, num esquite tosco, vai o corpo morto do pai do menino, que segue triste à frente dos bois. E o carreiro Soronho, em pé sobre a cheda, em botinas de couro, vai ferroando os bois, gritando, xingando.

À medida que a viagem prossegue, os bois continuam “falando” entre si. A “conversa” se aprofunda, em sua proposição filosófica e direcionada para um objetivo certo:

- _ Estamos todos pensando igual ao homem?... Você, o-que-gosta-de-pastar-á-beira-da-cerca-do-pasto-das-vacas?!...
- _ Sou o boi Brabagato.
- E o-que-deita-pra-se-esconder-no-meio-do-meloso-alto?
- _ Sou o boi Namorado.
- _ E o-boi-da-noite-que-saiu-do-mato? Boi Brilhante, boi Brilhante?!... Que foi que ele disse?... “Estou caçando e não acho... Mas não vamos pensar como o homem...”
- _ O-que?... (ROSA, 1984, p. 312-313).

Os viajantes, um tanto sedentos, enfim chegam ao vau do ribeirão. “A junta da guia, com simetria perfeita, baixa os três arcos da canga, para trazer as belfas ao rés da correnteza; e, abrindo as fuças em conchas moles, os bois sorvem demoradamente”. (ROSA, 1984, p. 323). Todos ali: bois, homem e menino se fartam da água. Tiãozinho se encanta tanto, maravilhado com a água, que o padrasto (aos gritos e humilhação) o adverte para seguirem viagem.

Já quase chegando à vila, na boca da noite, o carreiro Soronho, os bois e o candieiro Tiãozinho já estão cansados. Muito se passou naquela viagem: perigos de acidente, carro tombado a beira da estrada, além do recorrente comportamento maldoso e arrogante de Agenor Soronho. O defunto, em cima da carga de rapaduras, com a trepidação constante, expelia líquidos do interior do corpo, para o assombro de alguém que tendo estômago fraco observasse.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

A viagem pesada está quase chegando ao fim. Os bois, em suas “conversas”, tramam um arranco, um abalo maior, do carro para que o carreiro – o homem da aguilhada – caia ao chão.

O oprimido reage contra o opressor. É nesse momento que se dá a “interação” boi/menino/boi, que incidirá no “abalo maior” do carro e na consequente queda do Soronho.

De lá do coice, voz nasal, cavernosa, rosna Realejo. E todos falam. - Se o carro desse um abalo maior... - Se nós todos corrêssemos, ao mesmo tempo... - O homem-do-pau-comprido rolaria para o chão. - Ele está na beirada... -Está caindo-cai, na beiradilha... (ROSA, 1984, p. 336).

É o que todos, ali, cochilavam naqueles minutos. Tiãozinho, à frente dos bois, cochilava andando, cochilando sonha e seu sonho se mistura com o “pensamento” e a “fala” dos bois que cochilam, na monotonia do arrastar o carro. Tiãozinho, por causa desse sonho – meio dormindo e meio acordado – como que por reflexo, ergue gestual e repentinamente a sua vara de candieiro contra os bois. Os bois se assustam e pulam, dá um arranco, um solavanco no carro. O carreiro Soronho, que cochilava sentado na cheda do carro, cai ao chão. Seu pescoço é transpassado e moído pela roda do carro. O estreito aro de ferro da roda do carro que levava uma carga pesada, no avançar dos bois, colhe o pescoço do carreiro que, cochilando sentado na borda do lado esquerdo da cheda², caíra ao chão.

E o carro pulou forte, e craquejou, estrambelhado, com um guincho do cocão. - Virgem, minha Nossa Senhora!... Ôa, ôa, boi!... Ôa, meu Deus do céu!... Agenor Soronho tinha o sono sereno e a roda esquerda lhe colhera mesmo o pescoço, e a algazarra não deixou que se ouvisse xingo ou praga. (ROSA, 1984, p. 336).

A viagem, triste para o menino Tiãozinho e sofrida para os bois, terminou de maneira favorável para o menino e, de certa forma, confortável para os bois, conforme o final da estória:

Tiãozinho nunca houve melhor menino candieiro – vai em corridinha, maneiro, porque os bois, com a fresca, aceleram. E talvez dois defuntos deem mais para a viagem, pois até o carro está contente – henhein... nhein... e abre a goela do chumaço, numa toada triunfal. (ROSA, 1984, p. 338).

² Sentar-se a um dos lados da cheda é maneira comum dos carreiros descansarem as pernas durante a viagem, quando esta segue tranquila.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

5 Esse boi, esse menino em *O dia em que explodiu Mabata-Bata*

Antônio Emílio Leite Couto é biólogo e escritor. Nasceu em Beira, Moçambique, no dia 5 de julho de 1955. É filho de Fernando Couto, emigrante português, jornalista e poeta que pertencia aos círculos intelectuais de sua cidade. Mia Couto é o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior e um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal.

Em 1986, Mia Couto publica o livro de contos *Vozes Anoitecidas*; em 1990, *Cada Homem é uma Raça*; em 1994, *Estórias Abensonhadas*; em 1997, *Contos do Nascer da Terra*; em 1999, *Na Berma de Nenhuma Estrada*; em 2003, *O Fio das Missangas e outros contos*. Mia Couto publica também os romances *Terra Sonâmbula* (1992); *A Varanda do Frangipani* (1996); *O Último Vôo do Flamingo* (2000); *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra* (2002); *O Outro Pé da Sereia* (2006); *Venenos de Deus, Remédios do Diabo* (2008) e outros.

Não há como falar de “O dia em que explodiu Mabata-Bata”, do livro *Vozes Anoitecidas*, 1990, sem citar por completo o primeiro parágrafo deste conto, dada a sua conjuntura textual que resume em si o contexto desse conto:

De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú. No capim envolta choveram pedaços e fatias, grão e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no visível do vento. (COUTO, 2013, p. 41).

Surge, então, a figura do menino Azarias; o menino estava, no momento da explosão, pastorando o gado do Tio Raul: “O espanto não cabia em Azarias (...) Olhou a desgraça: o boi poeirado, eco de silêncio, sombra de nada”. *‘Deve ser foi um relâmpago’*. (COUTO, 2013, p. 41). Nessa fala do personagem Azarias, o autor transcreve o linguajar coloquial, próprio da realidade que os seus personagens vivem.

Não era relâmpago. Azarias perscruta o ambiente com a curiosidade e sem-malícia de menino trabalhador rural que ele era; sua imaginação é povoada de coisas e seres míticos. Azarias está atordoado com a violência do desastre, com o barulho da explosão, tão de perto. O menino ficou ainda com mais medo das consequências que lhe trariam a morte do boi. Tio Raul não o perdoaria: como explicar que o boi sumiu ou que simplesmente explodiu? “_ Não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres. A ameaça do tio soprava-lhe os ouvidos” (COUTO, 2013, p. 42).

Há uma ave mítica, o *ndlati*, que povoa a mente de algumas culturas de Moçambique. É também essa figura mítica do *ndlati* que é utilizada para referir às minas terrestres ativas, heranças da Guerra Colonial e da Guerra Civil ainda comuns nas regiões rurais de Moçambique: “Talvez o Mabata-Bata pisara uma réstia maligna do *ndlati*” (COUTO, 2013, p. 42).

Azarias tem medo, muito medo de tudo aquilo e, principalmente do que o Tio Raul poderá fazer-lhe. O menino trabalhava pra ele desde que era órfão. Tio Raul explora a força de

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

trabalho do menino, além de espancá-lo recorrentemente; não lhe concede direitos. Tio Raul compara Azarias a um da manada, quando fala: “Este, da maneira que vive misturado com a criação há de casar-se com uma vaca”. (COUTO, 2013, p. 43).

Azarias quer fugir daquela situação. Ele pensa em fugir e tenta fazer isso, mas não consegue. Não pode, ele não sabe. Ele é tão somente um menino amparado por uma sorte mesquinha, pobrezinho. Como? Menino matuto, descalço, com apenas a roupinha velha do corpo. Ele mira a outra margem do rio e atravessa-o. Azarias fica ali, não de todo escondido, esperando não sabe o quê. Enquanto isso, Tio Raul e avó Carolina estão em casa, preocupados com a demora de Azarias; dois policiais aparecem na casa, e contam para eles que explodiu uma mina terrestre ali perto, e que foi um boi que pisou na mina: “esse boi pertencia daqui”. (COUTO, 2013, p. 44).

Tio Raul, um tanto nervoso, sai à procura de Azarias e dos seus bois. Logo depois, sai também a avó Carolina, que vai à escondida de Tio Raul, mas atrás dele. Ambos acabam se encontrando no meio do mato, à procura do menino; Tio Raul fica zangado com a avó Carolina, por causa das bombas (minas submersas na areia), que poderiam tê-la explodido; mas a Carolina chama-lhe a atenção, ralha com ele dizendo que a sua presença era importante ali, pois somente ela poderia mediar a situação que se estabeleceria entre ele e Azarias por causa dos acontecimentos. Eles descobrem o paradeiro de Azarias, mas não o podem ver direito porque o menino está do outro lado do rio, e meio escondido atrás de uma moita. Azarias precisa voltar para casa, não há outra opção.

Do outro lado do rio, gritando para que o menino o ouça, o tio lhe faz a promessa enganosa de permitir-lhe ir à escola (sonho de Azarias), para que ele se entregue e volte para casa. Acreditando na promessa, Azarias se apresenta às vistas do Tio Raul e, cheio de felicidade, sai correndo pela areia da praia do rio, pisa em uma mina e explode. O menino morre como morrera o boi Mabata-Bata: “E antes que a ave do fogo se decidisse Azarias correu e abraçou-a na viagem da sua chama.” (COUTO, 2013, p. 47).

6 A figura do boi nas duas obras

Em ambos os contos podemos pensar a exploração do boi (então humanizado) e do menino (então animalizado) como uma representação do sistema de dominação colonial, uma vez que o colonialismo perpetua uma prática de exploração do homem pelo homem ao reduzir as populações locais à condição de animalidade. Agenor Soronho e Tio Raul representariam a permanência, ao longo dos últimos séculos, das práticas coloniais nas relações sociais, tanto aqui no Brasil quanto em Moçambique.

Em ambos os contos há a figura do menino candieiro e pastor dos bois; no primeiro, o menino Tiãozinho, e no segundo, o menino Azarias. Suas identidades se confundem com a identidade dos bois, seres dos quais se aproximam pela cumplicidade possível àqueles cujas liberdades foram tomadas. Também, nos dois contos, tanto o boi quanto o menino são explorados em sua força de trabalho. Menino e boi se relacionam com certa igualdade, há um

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

mútuo compartilhamento na formação dessa identidade a partir da condição que os caracteriza, ou seja, uma simbiose boi/menino (ou menino/boi). Assim, características próprias do homem são atribuídas ao boi, mas ao mesmo tempo, faz-se também o contrário, ou seja, ao menino são atribuídas características de boi.

Há um paralelismo nas trajetórias do boi e do menino no conto do Mia Couto, ambos são explorados ao serem submetidos à dominação de Tio Raul, ambos têm como desfecho a morte como vítimas da Guerra Civil da mesma maneira que ainda ocorre com tantos moçambicanos. Em “Conversa de bois”, menino e boi são submetidos à dominação de Agenor Soronho; gozando de liberdade (provisória?) somente por meio da morte do antagonista. Dessa forma, à mesma maneira dos bois/meninos e dos meninos/bois, as populações brasileira e moçambicana, mesmo com o fim da colonização, seguem reduzidas à condição de força motriz à margem dos benefícios de qualquer projeto civilizatório.

A animalização do indivíduo, no discurso colonial – como apresentado nos primeiros tópicos deste artigo – tinha o fim exclusivo de impor uma identidade ao homem colonizado que justificasse a colonização. “Recorrer-se ao bestiário” (FANON, 1997, p. 31) para referir-se ao colonizado era a forma de o colonizador desumanizar esse sujeito, para assim garantir a manutenção da hegemonia colonial. Já a animalização do indivíduo no discurso pós-colonial de Guimarães Rosa e de Mia Couto promove o contrário: denuncia as violentas relações decorrentes do processo colonial, reduzindo o ser humano à mera força de trabalho. Assim, utilizando de animais como figuração do povo oprimido, ambos escritores humanizam-no em suas páginas.

Referências

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta de achamento do Brasil. In: CASTRO, Silvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 2013. p. 43-67.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

COUTO, Mia. **Entrevista a Paulo Hebmüller**. Disponível em:
<http://www.fronteiras.com/entrevistas/mia-couto-a-tribo-de-contadores-de-historias>.

_____. **Vozes anoitecidas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 39-48.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

_____. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. **Pós-colonialismo: um caminho crítico e teórico.** In: _____. Oralidades e escritas pós-coloniais. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012. p. 129 - 162.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira S/A, 1984. p. 301-338.

RUCKERT, Gustavo Henrique. Comparação entre literatura brasileira e africana. In.: FORLI, Cristina Arena; RUCKERT, Gustavo Henrique. **Literaturas africanas em língua portuguesa.** Porto Alegre: SAGAH, 2017. p. 91-104.

_____. **Entre pós-colonialismos: Portugal e Angola, diferentes histórias e distintos romances.** Porto Alegre: UFRGS, 2015.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** o oriente como invenção do ocidente. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo : Companhia da Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. In.: _____. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

THE OX AS A FIGURE OF THE COLONIZED MAN IN GUIMARÃES ROSA AND MIA COUTO

Kleber Ramon de Souza
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
(kleberdoareia@hotmail.com)

Abstract

The objective of this work is to present a postcolonial reading of the short stories "Oxen Talk", by the Brazilian writer Guimarães Rosa, and "The day Mabata-Bata exploded", by the Mozambican writer Mia Couto. To this end, we seek first to approach the concepts of post-colonialism and, at the same time, of orientalism, which are fundamental for a better understanding of the historical, political, and social context of the former Portuguese colonies, Brazil and Mozambique, whose literatures are sometimes alike. Subsequently, a comparative analysis of both short stories was carried out, taking into account that they refer to, from the metaphorical approach of the figure of the ox, the process of exploration of the colonized subject.

Keywords: Colonialism. Post-colonialism. Ox. Brazilian literature. Mozambican Literature.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

EL BUEY COMO FIGURACIÓN DEL HOMBRE COLONIZADO EN GUIMARÃES ROSA Y MIA COUTO

Kleber Ramon de Souza
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
(kleberdoareia@hotmail.com)

Resumen

El objetivo de este trabajo es presentar una lectura poscolonial de los cuentos “Conversa de bois”, de la brasileña Guimarães Rosa, y “O dia em que explotó Mabata-Bata”, de la mozambiqueña Mia Couto. Para ello, buscamos, en primer lugar, abordar los conceptos de poscolonialismo y, concomitantemente, de orientalismo, que son fundamentales para una mejor comprensión del contexto histórico, político y social de las ex colonias portuguesas de Brasil y Mozambique, cuyas literaturas, a veces, se parecen. Posteriormente, se realizó un análisis comparativo de los dos relatos abordados, teniendo en cuenta que referencian, desde el abordaje metafórico de la figura del buey, el proceso de exploración del sujeto colonizado.

Palabras-clave: Colonialismo. Poscolonialismo. Buey. Literatura brasileña. Literatura mozambiqueña.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-16	e022007	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------